

# SBGG ARTIGOS COMENTADOS JUNHO 2021



## ***Prof. Rubens De Fraga Júnior***

Professor titular da disciplina de gerontologia da Faculdade Evangélica Mackenzie do Paraná. Médico especialista em geriatria e gerontologia pela SBGG.

Coordenador do SBGG ARTIGOS.

Editor do SBGG ARTIGOS COMENTADOS.

E-mail: [geripar@gmail.com](mailto:geripar@gmail.com)

## ***'Todas as pessoas solitárias': O impacto da solidão na velhice, na vida e na expectativa de saúde***

**Em 1966, os Beatles falam da situação de pessoas idosas solitárias no imaginário popular com "Eleanor Rigby", uma canção que virou a música pop de ponta-cabeça quando ficou em primeiro lugar nas paradas britânicas por quatro semanas. Hoje, o impacto da solidão na velhice na expectativa de vida e saúde foi categoricamente quantificado pela primeira vez em um estudo realizado por cientistas da Duke-NUS Medical School (Cingapura), Nihon University (Tóquio, Japão) e seus colaboradores, publicado em o Journal of the American Geriatrics Society.**

"Descobrimos que idosos solitários podem viver uma vida mais curta do que seus pares que não se percebem como solitários", disse o principal autor do estudo, o professor assistente Rahul Malhotra, chefe de pesquisa do Centro de Pesquisa do Envelhecimento da Duke-NUS e Educação (CARE). "Além disso, eles têm sua vida mais curta perdendo anos potenciais de boa saúde."

A professora associada Angelique Chan, diretora executiva da CARE e autora sênior do estudo, observou: "Além de ser o ano associado à doença coronavírus, 2019 também foi quando o número de adultos com mais de 30 anos representava metade da população global total para a primeira vez na história, marcando o início de um mundo cada vez mais envelhecido. Em consequência, a solidão entre os idosos se tornou um problema de preocupação social e de saúde pública. "

### **Principais descobertas: a solidão tem consequências físicas reais!**

Os resultados do estudo mostram que as pessoas de 60 anos que se percebem às vezes como sozinhas ou principalmente solitárias podem esperar viver de três a cinco anos a menos, em média, em comparação com seus pares que se percebem como nunca solitários. Da mesma forma, aos 80 anos de idade, pessoas idosas solitárias podem, em média, esperar viver dois a três anos a menos, em comparação com seus pares não solitários.

Usando o mesmo conjunto de dados, os pesquisadores descobriram que a percepção de solidão tem um impacto semelhante em dois tipos de expectativa de saúde - anos restantes de vida vividos em um estado autoavaliado de boa saúde, bem como anos restantes de vida vividos sem serem limitados quando fazendo 'atividades da vida diária'. Essas atividades incluem rotinas como tomar banho e vestir-se, levantar-se ou deitar-se na cama ou cadeira e preparar as refeições.

"Com os idosos correndo um risco maior de solidão como resultado das medidas de controle da pandemia, tem havido um interesse crescente nas políticas contra a solidão em todo o mundo", disse o Prof Chan. "Em 2018, o Reino Unido lançou uma estratégia nacional para combater a solidão e, em 2021, o Japão nomeou um 'Ministro da Solidão'. Esperamos que este estudo ajude a galvanizar mais políticas para combater a solidão entre os idosos."

Fonte: Malhotra R, Tareque MI, Saito Y, Ma S, Chiu C-T, Chan A. Loneliness and health expectancy among older adults: A longitudinal population-based study. *J Am Geriatr Soc.* 2021;1-11. [doi.org/10.1111/jgs.17343](https://doi.org/10.1111/jgs.17343)

# **Quais são as evidências de como melhorar as capacidades funcionais dos idosos em casa?**

**Uma nova análise chamada de mapa de evidências mapeou como melhorar a capacidade funcional de idosos que vivem em casa ou em outras instituições de longa permanência de idosos.**

Um total de 548 estudos foram incluídos no mapa, que é publicado na Campbell Systematic Reviews. As intervenções mais comuns estudadas foram reabilitação domiciliar para idosos e serviços de saúde domiciliares para prevenção de doenças, principalmente prestados por profissionais de saúde.

Os investigadores encontraram evidências substanciais de intervenções para promover a capacidade funcional - especialmente relacionadas às necessidades básicas e mobilidade - de idosos em casa, mas poucos estudos examinaram os impactos na participação social, segurança financeira, capacidade de manter relacionamentos e comunicação. Poucos estudos foram feitos em países de baixa e média renda.

Este mapa de evidências é um dos pilares do relatório de base para a Década do Envelhecimento Saudável das Nações Unidas, de 2021 a 2030.

Fonte: Vivian Welch et al, Health, social care and technological interventions to improve functional ability of older adults living at home: An evidence and gap map, *Campbell Systematic Reviews* (2021). [DOI: 10.1002/cl2.1175](https://doi.org/10.1002/cl2.1175)

# ***O aprendizado de máquina pode identificar sinais de Alzheimer em pacientes que lembram a história de Cinderela***

**Um novo estudo realizado por pesquisadores do Centro de Pesquisa de Neurociências em St George identificou os pontos fortes e as limitações de diferentes tarefas usadas para detectar os primeiros sinais da doença de Alzheimer por meio da análise da fala e do aprendizado de máquina. Publicado na revista *Frontiers in Computer Science*, o estudo demonstra que, embora o aprendizado de máquina possa ser usado para avaliar padrões de fala em busca de sinais de doença, a tarefa específica atribuída à pessoa que está sendo testada desempenha um papel crítico na precisão do teste.**

Pesquisas anteriores do grupo mostraram que a doença de Alzheimer afeta a linguagem muito cedo na doença e, portanto, as avaliações da linguagem podem ser usadas para detectar a doença em um estágio inicial. Quanto mais cedo for captado, mais cedo podem ser consideradas intervenções para ajudar o paciente.

Este último estudo acrescenta evidências ao buscar avaliar as medidas e tarefas que podem ser usadas para testar a doença de Alzheimer. Ao gravar o áudio das tarefas realizadas pelos participantes, a equipe de pesquisa empregou um programa de aprendizado de máquina, desenvolvido na St George's, para avaliar sinais de doença.

As tarefas usadas no estudo representam uma variedade de métodos usados em cenários de saúde. Uma das abordagens mais comuns usadas pelos médicos é pedir aos pacientes que descrevam uma cena conhecida como "Roubo de biscoitos". Outras abordagens incluem pedir ao paciente para narrar uma história aprendida, como contos de fadas bem conhecidos como Cinderela - uma tarefa complexa, que exige que eles integrem uma série de personagens e eventos em uma linha do tempo que eles possam lembrar.

Para este estudo, os pesquisadores usaram as avaliações acima, bem como a recordação processual (recontando como fazer uma xícara de chá), recontagem de narrativa (descrevendo uma história a partir de imagens apresentadas em um livro de contos infantis sem palavras) e

discurso coloquial (dando instruções para outra pessoa, descrevendo uma rota através de pontos de referência em um mapa), para detectar sinais de Alzheimer por meio da análise da fala.

Depois de avaliar os resultados de 50 participantes do ensaio (25 com doença de Alzheimer leve ou comprometimento cognitivo leve e 25 controles saudáveis), a equipe descobriu que narrar uma história aprendida demais, como Cinderela, deu os resultados mais precisos. O sistema de aprendizado de máquina usado foi capaz de identificar se um participante tinha Alzheimer ou deficiência cognitiva leve com 78% de precisão, com a tarefa "Roubo de biscoito" logo atrás em 76% - resultados que são comparáveis aos testes existentes para a doença. As outras tarefas avaliadas deram precisões variando entre 62% (nova narrativa) e 74% (rememoração do procedimento).

"Nossos resultados mostram que, ao alterar as tarefas usadas para avaliar o Alzheimer, temos o potencial de detectar a doença com maior precisão por meio da análise da fala", diz o autor do estudo e doutorando no último ano. estudante em St George's, Natasha Clarke.

Fonte: Natasha Clarke et al, A Comparison of Connected Speech Tasks for Detecting Early Alzheimer's Disease and Mild Cognitive Impairment Using Natural Language Processing and Machine Learning, *Frontiers in Computer Science* (2021). [DOI: 10.3389/fcomp.2021.634360](https://doi.org/10.3389/fcomp.2021.634360)

## ***Benzodiazepínicos, e 'drogas Z aumentam o risco de morte quando tomados com opióides***

**Um novo estudo realizado por pesquisadores do Vanderbilt University Medical Center com mais de 400.000 pacientes do Medicare que tomam medicamentos para insônia descobriu que o risco de morte aumenta quando os benzodiazepínicos ou drogas z são tomados com opióides.**

O estudo, publicado em 15 de julho na PLOS Medicine e liderado por Wayne Ray, Ph.D., professor de Política de Saúde da VUMC, comparou pacientes que tomam esses medicamentos com opioides a pacientes comparáveis que tomam trazodona, outro medicamento

para dormir comumente prescrito para idosos. Os pesquisadores descobriram que aqueles que usam benzodiazepínicos tiveram um aumento de 221% no risco de morte por qualquer causa e aqueles que tomam hipnóticos não benzodiazepínicos, ou 'drogas z', tiveram um risco aumentado de 68%.

"Nossas descobertas indicam que os riscos do uso de opioides benzodiazepínicos vão muito além dos riscos reconhecidos de overdose. Eles também sugerem que as drogas z, consideradas como tendo melhor segurança do que os benzodiazepínicos, na verdade são perigosos quando prescritos em combinação com os medicamentos opioides ", disse Ray.

"Nossas descobertas pedem urgência aos esforços para limitar a prescrição simultânea de benzodiazepínicos e opióides. Eles também sugerem que recomendações são necessárias para aconselhar pacientes idosos sobre os riscos potenciais de tomar benzodiazepínicos e drogas z com opioides", disse Ray.

Fonte: Wayne A. Ray et al, Mortality and concurrent use of opioids and hypnotics in older patients: A retrospective cohort study, *PLOS Medicine* (2021). [DOI: 10.1371/journal.pmed.1003709](https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1003709)

## ***A medicação usada para reduzir os níveis de colesterol pode reduzir a gravidade do COVID-19***

**Em um novo estudo da Escola de Medicina da Universidade da Califórnia em San Diego, os pesquisadores confirmaram que os pacientes que tomam medicamentos com estatinas tiveram um risco 41% menor de morte no hospital devido ao COVID-19. As descobertas foram publicadas em 15 de julho de 2021 na PLOS ONE e expandem a pesquisa anterior conduzida na UC San Diego Health em 2020.**

As estatinas são comumente usadas para reduzir os níveis de colesterol no sangue, bloqueando as enzimas hepáticas responsáveis pela produção do colesterol. Elas são amplamente prescritas: O Center for Disease Control estima que 93 por cento dos pacientes que usam uma droga para baixar o colesterol usam estatina.

"Quando confrontado com este vírus no início da pandemia, houve muita especulação em torno de certos medicamentos que afetam o receptor ACE2 do corpo, incluindo estatinas, e se eles podem influenciar o risco de COVID-19", disse Lori Daniels, MD, líder autor do estudo, professor e diretor da Unidade de Terapia Intensiva Cardiovascular da UC San Diego Health.

"Na época, pensávamos que as estatinas poderiam inibir a infecção por SARS-CoV-2 por meio de seus conhecidos efeitos anti-inflamatórios e capacidades de ligação, o que poderia potencialmente interromper a progressão do vírus".

Usando dados do Registro de Doenças Cardiovasculares COVID-19 da American Heart Association, a equipe de pesquisa da UC San Diego aplicou suas descobertas originais a uma coorte muito maior: mais de 10.000 pacientes COVID-19 hospitalizados nos Estados Unidos.

Especificamente, os pesquisadores analisaram prontuários médicos de 10.541 pacientes internados para COVID-19 durante um período de nove meses, de janeiro a setembro de 2020, em 104 hospitais diferentes.

"A partir desses dados, realizamos análises mais avançadas enquanto tentávamos controlar as condições médicas coexistentes, o status socioeconômico e os fatores hospitalares", disse Daniels. "Ao fazer isso, confirmamos nossos achados anteriores de que as estatinas estão associadas a um risco reduzido de morte por COVID-19 entre pacientes hospitalizados por COVID-19."

Daniels disse que parece que a maior parte do benefício está entre os pacientes com boas razões médicas para tomar estatinas, como histórico de doenças cardiovasculares ou hipertensão. De acordo com a equipe de pesquisa, o uso de estatinas ou um medicamento anti-hipertensivo foi associado a um risco 32 por cento menor de morte entre pacientes internados no COVID-19 com histórico de doença cardiovascular ou hipertensão.

No estudo, técnicas de correspondência estatística foram usadas para comparar os resultados de pacientes que usaram estatinas ou um medicamento anti-hipertensivo com pacientes semelhantes que não usaram.

Fonte: Lori B. Daniels et al, Relation of prior statin and anti-hypertensive use to severity of disease among patients hospitalized with COVID-19: Findings from the American Heart Association's COVID-19 Cardiovascular Disease Registry, *PLOS ONE* (2021). [DOI: 10.1371/journal.pone.0254635](https://doi.org/10.1371/journal.pone.0254635)